



REP's - Revista Even. Pedagóg.

Número Regular: Sociologia da Educação

Sinop, v. 9, n. 3 (25. ed.), p. 1092-1103, nov./dez. 2018

ISSN 2236-3165

<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>

DOI: 10.30681/2236-3165

CONFLITO NA ESCOLA¹

CONFLICT IN SCHOOL

Priscila Vilena Lisboa Silva

RESUMO

Este artigo abordou o conflito no ambiente escolar na relação entre professor e aluno o objetivo foi compreender o conceito da palavra conflito na instituição. O mesmo teve uma abordagem qualitativa, os dados foram coletados por meio de observação e entrevistas com questões semiestruturadas com professor e coordenadora de uma Escola Municipal de Sinop, Mato Grosso. Baseando-se nos autores Carlos Eduardo Vasconcelos, Idalberto Chiavenato e Paulo Freire, verificou-se que é possível uma visão diferenciada para a resolução das situações de conflitos e que dependendo das estratégias a serem utilizada o conflito pode ser algo construtivo no processo de ensino aprendizagem.

Palavras-chave: Relação professor e aluno. Conflito. Escola.

ABSTRACT²

This article broached conflict in school environment regarding the relation between teacher and student. The main objective was to understand the conception of the word “conflict” in the investigated school. The research had a qualitative

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **CONFLITO NO AMBIENTE ESCOLAR**, sob a orientação do Dr. Almir Arantes, Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2018/1.

² Resumo traduzido pela Professora Mestre Betsemens B. De Souza Marcelino. Professora interina do curso de Letras da UNEMAT/ Sinop. Mestre em Estudos da Linguagem pela UFMT/Cuiabá, 2015. Graduada em Licenciatura Plena em Letras-Português/Inglês pela UNEMAT/Sinop, 2013.

approach, the dates were gathered through field observations and interviews with semistructured questions questions to a teacher and the coordinator from a Municipal school in Sinop City, Mato Grosso State. Countersigned on authors like Carlos Eduardo Vasconcelos, Idalberto Chiavenato and Paulo Freire it was verified that possible a differentiated vision is possible for the resolution of rowdy situations and, depending on the strategies to be used, the conflict can be a constructive element on the teaching-learning process.

Keywords: Student Teacher Relation. Conflict. School.

Correspondência:

Priscila Vilena Lisboa Silva. Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL). Sinop, Mato Grosso, Brasil. E-mail: priscilavilena22@gmail.com

Recebido em: 18 de setembro de 2018.

Aprovado em: 24 de outubro de 2018.

Link: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/3306/2399>

1 INTRODUÇÃO

O conflito se faz presente em diversos contextos sociais, entretanto nas escolas vem sendo trabalhado equivocadamente Nunes (2011), muitas vezes os professores quando vivenciam situações de conflito mostram-se despreparados e com dificuldades no desenvolvimento de tais dilemas. Neste sentido, objetivou-se investigar como o conflito pode interferir no desenvolvimento dos alunos, analisando se o mesmo implica na aprendizagem de conteúdos e nas relações dentro da sala de aula, se propicia a um resultado positivo ou negativo.

Neste sentido, a análise se iniciou através de pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo e observação não participante, A pesquisa de campo foi realizada na Escola de Municipal de Ensino Fundamental Armando Dias. Situada no município de Sinop/ MT, na rua Cabo Manuel Augustinho Nascimento, Nº 2055, no bairro Jardim Boa Esperanças.

O trabalho se dividira em partes. Na primeira apresentou a introdução, mostrando passos da pesquisa e exibindo como o trabalho se desenvolvera, na

segunda parte apresentou as percepções de diferentes autores sobre a palavra conflito. Na terceira problematizou o tema, trazendo as dificuldades dos professores, dos alunos perante tais dilemas. Logo após apresentou as entrevistas da pesquisa. Em seguida busco em autores contribuições para fundamentar sobre o assunto, trazendo para reflexão temas como a relação entre professor e aluno e o conflito no âmbito escolar.

2 AS PERCEPÇÕES DE CONFLITO.

A origem da palavra conflito vem do latim *conflictus.us*, que significa, segundo Ximenes (2000, p. 241): “1. luta, briga. 2. guerra. 3. Choque, colisão (de interesses, ideias, etc.)”. Enquanto que para Vasconcelos (2008, p. 20) “O conflito ou dissenso é fenômeno inerente às relações humanas. É fruto de percepções e posições divergentes quanto a fatos e condutas que em volvem expectativas, valores ou interesses comuns”.

Já Figueiredo (2002, p. 26) indica que: “Antes de se começar a definir em que consiste o conflito convém distingui-lo do conceito de desacordo.” Por sua vez Chrispino (2007, p. 15) indica que: “Conflito é toda opinião divergente ou maneira diferente de ver ou interpretar algum acontecimento. A partir disso, todos os que vivem em sociedade tem a experiência do conflito”. Todo indivíduo tem diferentes aspectos na forma de se comunicar, é isso se dá pelas diversas influências que o mesmo recebe durante sua vida, o modo a qual ele aprendeu a comunicar-se será a mesma que ele utilizará para se expressar.

Embora o presente trabalho tenha por objetivo especificar o conflito no ambiente escolar, torna-se necessário que se entenda os diferentes tipos de conflito que estão inseridos em nosso cotidiano. De acordo com Chiavenato (2003, p. 390), há vários tipos de conflitos: o conflito interno e o conflito externo. O interno (intrapessoal) envolve dilemas de ordem pessoal. O externo envolve vários níveis: interpessoal, intragrupal, intergrupar, intraorganizacional e interorganizacional.

A escola é um cenário onde diariamente surgem dilemas geradores de conflitos, por ser um ambiente onde predomina a diversidade cultural, os conflitos tendem a ser um tanto natural no dia-a-dia do espaço escolar. Segundo Nunes (2011, p. 11) “A escola é o palco de uma diversidade de conflitos, entre os quais o

de relacionamento, pois nela convivem pessoas de variadas idades, origens, sexos, etnias e condições socioeconômicas e culturais.”

As escolas obtêm seus próprios conflitos e tais conflitos envolvem todos os indivíduos que compõe a instituição, mais além desses conflitos a mesma ainda recebe reflexos dos conflitos sociais presentes na sociedade e vivenciados pelos indivíduos que formam a escola. Essa relação entre ambas está estreitamente interligada. De acordo com Leite e Lohr (2012, p. 4):

Cada vez mais os conflitos se configuram como o grande entrave no ambiente escolar. A forma como os mesmos são trabalhados pode prejudicar todo o processo, seja quando não se estabelece um objetivo claro de onde se quer chegar com a discussão, ou outras vezes, porque se procura encontrar culpados e agir rapidamente na punição destes.

Compreendemos a complexidade que envolve todo esse espaço escolar, ambiente esse que se torna instável pelo seu multiculturalismo e por envolver questões tanto de cunho social, moral, cultural, psicológicos entre tantas outras questões complexas que estão sujeitas os alunos, professores, familiares e gestores.

3 OS CONFLITOS NA ESCOLA.

No decorrer dos séculos, a humanidade sempre esteve extraindo saberes e conhecimento de tudo com que se tinha contato e toda essa bagagem de informações e conhecimento estiveram sendo transmitidas e compartilhadas entre os sujeitos da sociedade. Se hoje temos um sistema de ensino formal onde nos é passado os saberes das ciências humanas e exatas, foram múltiplas as pesquisas necessárias para suprir a necessidade de preservação e transmissão do conhecimento construído pela humanidade. Aranha (2006, p. 19) afirma que somos feitos de tempo e que:

Cada geração assimila a herança cultural dos antepassados e estabelece projetos de mudanças. Ou seja, estamos inseridos no tempo: o presente não se esgota na ação que o realiza, mais adquire sentido pelo passado e pelo futuro desejado. Pensar o passado, porém, não é um exercício de saudosismo, curiosidade ou erudição: o passado não está morto, porque nele se funde as raízes do problema.

A autora não tão somente afirma a importância do passado das histórias vividas, como também destaca o sentido que ela traz para o presente em que vivemos. Contudo o mundo está sempre em constantes transformações e as ciências não podem mais ser definidas como exatas, pois a cada momento os pesquisadores conseguem obter respostas e vestígios que transformam os saberes. Dessa maneira os conhecimentos adquiridos por nossos antepassados também sofreram diversas modificações de tal modo que podem até serem desconsiderados pela sociedade atual. Sendo assim, o conhecimento que a escola fornece também tem que ser avaliado como transitório logo, em constante transformação.

No entanto, segundo Estêvão (2008), a sociedade atribui a instituição de ensino a responsabilidade tanto de mudanças quanto preservação. Essa visão foi constituída aos longos dos anos e favorece com que os sujeitos que convivem no cotidiano escolar estejam constantemente sendo colocados a optar entre a transformação e a conservação de valores e saberes. Isso é gerador de conflito. Isto implica em reconhecer que é necessário que a sociedade tenha a percepção de que transformações não acontecem magicamente do mesmo modo que seu acontecimento não pode ser atribuído a uma única instituição, uma revolução não seria viável, possivelmente não resolveriam os problemas sociais. É necessário que tais mudanças aconteçam diariamente e principalmente que parta de todos. Por outro lado, Freire (2017) afirma que constantemente setores da sociedade, de forma conservadora, combatem qualquer ação mais progressista, seja no campo político, cultural ou moral. Segundo Alarcão (2001, p. 18), “A escola tem a função de preparar cidadãos, mais não pode ser pensada apenas como tempo de preparação para a vida. Ela é a própria vida, um local de vivência da cidadania”. Segundo Aranha (2006, p. 19):

Cada geração assimila a herança cultural dos antepassados e estabelece projetos de mudanças. Ou seja, estamos inseridos no tempo: o presente não se esgota na ação que o realiza, mais adquire sentido pelo passado e pelo futuro desejado.

Conforme a autora, percebemos que toda herança cultural deve ser valorizada e seus conhecimentos apreendidos, porém tais recursos ainda não suprem completamente as necessidades que a educação exige. As escolas não

podem se deixar manipular e limitar-se a repassar o que já é sabido. É preciso estimular o questionamento sobre as coisas das vidas é não apenas decorando e copiando algo já pensado.

Durante minha participação na escola através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), observei que nas escolas, ao entrar em sala de aula geralmente encontrava situações onde o aluno se mantinha sentado em sua carteira ouvindo pacificamente o professor sem contribuição alguma para com a aula. Tais situações tornam-se mais que normais para a maioria dos professores. Contudo, esse método não poderia ser classificado como democrático. Segundo Freire (2017, p. 28):

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis. E esta rigorosidade metódica não tem nada que ver com o discurso “bancário” meramente transferidor do perfil do objeto ou do conteúdo.

Em sua fala o autor descreve uma situação a qual tanto o educando quanto o educador necessitam desenvolver sua capacidade de inovação, instigadora, onde debatem e discutem sobre o tema. Chegamos ao ponto chave do nosso assunto, pois, para que o aluno posse ter essa relação de reflexão sobre o conhecimento é necessário que a relação tanto com o professor quanto com a escola seja democrática, pois a democracia é a estrutura principal do ensino. Segundo Freire (2002), o aluno necessita ser instigado a aprender, para ser instigado é necessária uma relação aberta ao diálogo, onde o aluno contribuirá com sua opinião, ponto de vista e o saber sobre o tema a ser abordado em aula. Sem medos de exposição ou de retaliações por parte do Professor, o respeito de um para com o outro deve ser mutuo, até mesmo quando houver desacordo entre os mesmos. Cabe ao professor o ato de escutar e intensificar o diálogo, ao ponto de contribuir para que o aluno pense e compreenda por si só.

O Professor deve ter a escuta sensível como parte do seu cotidiano e o ato de saber ouvir de forma prudente os educandos sobre o que transmitem e até mesmo o que sente. Dividindo essa ideia Freire (2017, p. 117) indica que:

Escutar é obviamente algo que vai mais além da possibilidade permanente de cada um. Escutar, no sentido aqui discutido, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro.

Essa troca se torna produtiva para ambas as partes, pois, o aluno perceberá que é valorizado como indivíduo e que sua opinião é respeitada em sala. O Professor só terá a ganhar com novos conhecimentos tornando-se assim um educador, até mesmo quando houver desacordo entre os mesmos. Nesse sentido Freire (2017) afirma que cabe ao professor o ato de escutar e intensificar o diálogo ao ponto de contribuir para que o aluno pense e compreenda por si só. Precisamos ter clareza que os professores desempenham um papel insubstituível no procedimento da mudança social. Visto então tamanha importância do professor para o desenvolvimento no processo educativo torna-se crucial que o mesmo tenha um bom relacionamento com seus alunos, pois segundo Goldoni (2010, p. 209):

O aluno vê no professor as chances de um caminho mais consistente na busca da realização cognitiva se este representar o afeto positivo, o apoio necessário, constituindo-se num fator de proteção no ambiente escolar. É importante destacar que os aspectos afetivos e uma interação professor-aluno positiva tem papel preponderante nas afinidades que se desenvolvem professor entre aluno-professor—no “gostar do professor.

Os Professores sabem o quanto é complicado mediar conflitos, a todo momento temas, questionamentos surgem em uma sala de aula e muitas vezes os professores são pegos de surpresa. Por não estarem preparados não conseguem administrar tais imprevistos, porém a forma como será tratado é que dirá a real competência do professor. Segundo Freire (1991, p. 58). “Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão da prática”. Na citação o Professor necessita conjecturar sobre suas práticas, pois ela deve mudar conforme a necessidade do aluno. Por mais que seja o sonho de muitos professores não se sustenta a ideia de que uma instituição de ensino multicultural seja um local onde o conflito não existiria.

A escola com as suas especificidades de natureza organizativa e nem sempre harmoniosas relações com as finalidades educativas da sociedade é inevitável a ressonância da conflitualidade social. Conforme Estêvão (2008, p. 507):

[...] a escola é compreendida sobretudo como uma “arena política”, onde a pluralidade de metas, de objectivos, de interesses, de racionalidades e lógicas de acção se intersectam, onde jogos de poder, coligações, confrontos, alianças, pactos se mobilizam de várias formas, onde estratégias, táticas, cálculos se concretizam, ou seja, onde a micropolítica impera face até à distribuição de recursos escassos.

O autor descreve a escola como campo propício à emergência do conflito, pois a mesma é cenário de diversidade.

4 ANÁLISE DE DADOS

Com base nas revisões bibliográficas entende-se que o conceito de conflito assim como já foi especificado é algo complexo de se definir. Do mesmo modo através de entrevistas, afim de debatermos melhor esse tema contamos com um Professor e uma coordenadora Pedagógica. Num primeiro momento em entrevista o professor da unidade escolar questionou-se em se tratando de conflito, qual é o seu conceito?

(01) Professor A: Eu acho que conflito é tudo aquilo que diverge do que deveria ser, ou seja, um conflito acontece quando eu tenho uma opinião e você tem outra então ele vem nessa divergência ele pode ser acredito eu como algo criativo e ele pode levar num caminho negativo depende da forma, não é o conflito que define mais e a forma com que li dou com isso então acredito ser conflito essa divergência as opções sobre uma mesma coisa.

(02) Professor B: O que seria o conflito? Divergência de opiniões de postura de um jeito de ser, de gostos, essas coisas geram conflitos quando você não tem a mesma linha de pensamento, algumas pessoas confundem isso e fazem disso um conflito.

Assim compreendemos que os mesmos possuem visões parecidas sobre o conceito de conflito, ou seja, os Professores compreendem o que é o conflito e toda a sua complexibilidade. E as proporções que o mesmo terá dependerá como se é trabalhado. Assim Vasconcelos (2008, p. 20). Afirma que: “O conflito, quando bem conduzido, pode resultar em mudanças positivas e novas oportunidades de ganho mútuo”.

Nas observações realizadas compreende-se que uma escola possui um espaço diversificado e os conflitos que nela ocorrem podem se manifestar de diferentes formas. Com base nessas observações os Professores foram questionados se é possível afirmar que existe conflitos bons ou ruins:

(03) Professor A: De certa forma sim, conflitos bons, por exemplo, vou dá um exemplo pelas crianças aqui na questão do nosso projeto que temos do aluno destaque, as vezes as crianças discutem com alguns Professores por que a escolha de uma criança como aluno destaque e não a outra e aí esses conflitos geram a discussão onde o Professor também entra no meio para poder explicar justificar determinadas coisas por que a escolha de um ou porque a não escolha de outro. Então assim as vezes são conflitos que geram para as próprias crianças despertarem e intenderem, que por exemplo que para participarem daquele projeto elas tem que está dentro de todo um contexto e si em algum contexto não se fez direito você corre o risco de estar fora, esses conflitos são conflitos bons que geram discussão positiva sobre alguma coisa, no caso sobre o entendimento das regras.

(04) Professor B: Na verdade, sim mais os professores não sabem tirar o bom por que às vezes esse indivíduo, quando ele tem esse conflito na verdade ele está reprogramando muitas vezes uma mensagem que ele vem de casa que ou vem de alguma coisa ou do que ele viu, não e algo de uma racionalidade completa por quê? Porque estamos falando de nível abaixo já de um nível superior ele faz parte de uma descoberta essa troca essa discussão que o conflito nós. É a oportunidade de você aprender testando então quando eu estou num conflito contigo eu estou testando algo, ou quando eu estou brigando com você eu estou testando algo da minha emoção.

Partindo das falas dos professores compreende-se que os conflitos podem sim ser algo positivo. Em uma escola o mesmo, portanto pode ser construtivo para o professor quanto para o aluno. Pois segundo Vasconcelos (2008, p. 20) “a solução transformadora do conflito depende do reconhecimento das diferenças e da identificação os interesses comuns e contraditórios”.

Dentre as várias situações que sobrevêm a escola, nota-se que o Professor exerce o papel de mediador em sala de aula, nestes conflitos o professor por meio do diálogo tenta resolver essas situações, percebendo o valor da mediação, questiona-se aos professores: Qual a importância da mediação para o gerenciamento dos conflitos?

(05) Professor A: Eu acredito que a importância da mediação e para definir até que nível a pessoa pode chegar então se você consegue chegar se já passou daquele limite, se é para dizer não quem venceu mais para tirar uma opinião de quem está de fora um meio qual que seria o intermédio daquilo onde aquelas opiniões têm de iguais onde tem de diferentes e qual que se assemelha mais a realidade. Então o mediador ele vai promover que as pessoas sintam essa emoção mais que saibam lidar com essa emoção então ele vai controlar para que não seja algo fora do acontecido e tem extrema importância para criar uma norma quando você os primeiros conflitos que você mediar você já vai aprender nos próximos até que nível você pode ou não chegar então até que estrutura. Eu acho que o mediador ele é um guia, ele vai estar ali para te guiar onde é o caminho de você e sua escolha e onde é o caminho onde você perde e regride em questão de aprendizado.

(06) Professor B: O termo mediação já nos aponta para a grandeza da ação de mediar. Se colocar entre dois polos conflitantes no intuito de promover uma negociação harmoniosa. A mediação é um dos elementos fundamentais para a promoção da PAZ³ em todos os seus significados. Mas vejo que a mediação precisa ser vivenciada na ação Pedagógica dos educadores, como testemunho e não apenas como um momento específico frente a uma determinada situação. Na relação pedagógica entre professor e aluno ela já deve estar inserida na maneira de como tratamos os alunos. Aí a mediação aparece também como um procedimento de prevenção ao conflito em seu aspecto de agressividade.

Os Professores em suas respostas reconhecem a importância da mediação e afirmam que a mesma deve ser utilizada como metodologia para compreender é

³ O Professor em sua fala enfatizou a palavra paz em seu depoimento.

ajudar da melhor forma todos os envolvidos nos conflitos, como afirma Nunes (2014, p. 37): “A mediação permite a solução de conflitos rotineiros através do diálogo e da compreensão e busca a construção de soluções a partir das necessidades dos envolvidos”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou analisar os conflitos no ambiente escolar, identificou-se que os conflitos além de inevitável são fundamentais para as relações humanas. A pesquisa apontou os diferentes conceitos que o conflito possui cada um com sua especificidade, é apesar da abordagem negativa que alguns atribui ao conflito, o mesmo dependendo da forma que for mediado pode se tornar algo produtivo e construtivo para os indivíduos envolvidos.

Constatou-se também que esse fenômeno social está presente no ambiente escolar e se apresenta em distintas formas. A escola é composta por indivíduos distintos com discernimentos distintos sobre as coisas. Por meio das entrevistas se obteve dados que comprovam que os conflitos em sua grande maioria são mediados pelos professores, entretanto são inúmeras as situações em que os Professores não conseguem encontrar uma mediação para a resolução em que ambas as partes fiquem satisfeitas com o resultado, e essas situações acabam sendo minimizadas pelos professores.

Nesse sentido cabe ao professor o ato de escutar e intensificar o diálogo ao ponto de contribuir para que o aluno pense e compreenda por si só. Precisamos ter clareza que os professores desempenham um papel insubstituível no procedimento da mudança social.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **História da educação e da pedagogia**: geral e Brasil. 3. ed. ver. ampl. São Paulo: Moderna, 2006.

CHIAVENATO, Idalberto. **Gestão de pessoas**: o novo papel dos recursos humanos nas organizações. 4. ed. Barueri: Manole, 2003.

CHRISPINO, Álvaro. Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 54, p. 11-28, jan./mar. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v15n54/a02v1554.pdf>>. Acesso em: 11 ago. 2017.

ESTÊVÃO, Carlos Vilar. Educação, conflito e convivência democrática. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 61, p. 503-514, out./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v16n61/v16n61a02.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 55. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

_____. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

FIGUEIREDO, Lara Joana Lopes de. **A gestão de conflitos numa organização e consequente satisfação dos colaboradores**. 2012. 178 f. Dissertação (Mestrado em Gestão)-Universidade Católica Portuguesa, Pólo de Viseu, Viseu, 2012.

GOLDONI, Andrea; TOGATLIAN, Marco Aurélio; COSTA, Rosane de Albuquerque. **Desenvolvimento, Emoção e Relacionamento na Escola**. Rio de Janeiro: Empapes, 2010.

LEITE, Célio Rodrigues; LOHR Suzane Schmidlin. Conflitos professor-aluno: uma proposta de intervenção. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 12, n. 36, p. 575-590, maio/ago. 2012

NUNES, Antônio Carlos O. **Diálogos e mediação de conflito nas escolas**. São Paulo: Editora Movimento, 2014.

PROFESSORA A. **Professora A**: depoimento [maio 2018]. Entrevistadora: Priscila Vilena Lisboa Silva. Sinop, MT, 2018. 1 f. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso sobre a educação em Sinop.

PROFESSORA B. **Professora B**: depoimento [maio 2018]. Entrevistadora: Priscila Vilena Lisboa Silva. Sinop, MT, 2018. 1 f. Entrevista concedida para o Trabalho de Conclusão de Curso sobre a educação em Sinop.

VASCONCELOS, C. E. de. **Mediação de Conflitos e Práticas Restaurativas**. São Paulo: Método, 2008.

XIMENES, Sergio. **Minidicionário Ediouro da Língua portuguesa**. São Paulo: Ediouro, 2000.